

Aqui estava eu. Há horas na mesma posição, há dias as mesmas horas. Lágrimas quentes teimavam em cair, molhando toda a franha macia que acarinhava meus cabelos. Era uma solidão que parecia não ter fim. Muita tristeza. De ser machucada, de ser enganada, de ver partir alguém tão importante, para quem não importou nada o meu sofrimento. Da depressão que voltava para me arrastar, com suas garras enormes e frias. Tudo por dentro doía, a sensação era de que nunca iria passar. No escuro, sentia algum conforto. Era só o silêncio e o som da minha respiração, entrecortada pelos soluços.

– Será que fico bem algum dia? Será que para de doer? Me sinto tão só...

Certo torpor foi tomando conta do meu corpo, o cansaço de tanto tempo chorando finalmente venceu. Dormi profundamente. Há uns quinze dias não conseguia dormir direito. Um pequeno período de alívio, onde não existia consciência, culpa, remorso, choro, solidão. E ao adormecer, sonhei. Com o mesmo escuro de antes.

Ouvia um ruído, incessante, abafado, ritmado que, de alguma forma, acalentava. Onde estou? Não conseguia distinguir nenhuma imagem, era tudo tão escuro. Onde estou? Me senti estranha, como se o aquele corpo não fosse o meu, faltava espaço, tudo me sufocava. Não conseguia respirar. Ou melhor, não respirava. Mas que loucura é essa? Por que não sinto o ar entrar pelo meu nariz? Escutei uma voz feminina, que conversava. Com quem? Falava sobre as belezas de ser mulher, mas que era difícil precisar ser forte, ter que nascer pronta pra lutar, pra ganhar espaço, pra conquistar com a inteligência, pra resistir.

– Quando minha filha nascer, quero ser sua amiga, quero estar com ela, como estamos unidas agora, desde sempre e para sempre – a voz disse.

E quando disse, eu soube. Sabia que conhecia aquelas batidas. Era um coração. Aquela voz, a conhecia, porque foi a primeira voz que ouvi, foi quem me falou sobre o amor pela primeira vez, sobre cuidado, sobre como a vida era e sobre o quanto eu precisaria ser esperta, porque o mundo não era pra inocentes, pra tolos. Era necessária uma pitada de malícia e bastante bom senso.

– Estou no útero... E mesmo aqui, nesse espaço mínimo onde me espremo para caber, não estou sozinha. Nunca estive sozinha.

Acordei assustada, sem entender bem. Me levantei, fui até a porta e de lá olhei para o sofá. Minha mãe me deu um sorriso distraído.

– Oi, filha, está melhor?

– Sim, mãe. Estou bem.

Não era só. Nunca fui, nunca poderia ser. Me senti feliz de novo.

Camilla Duarte